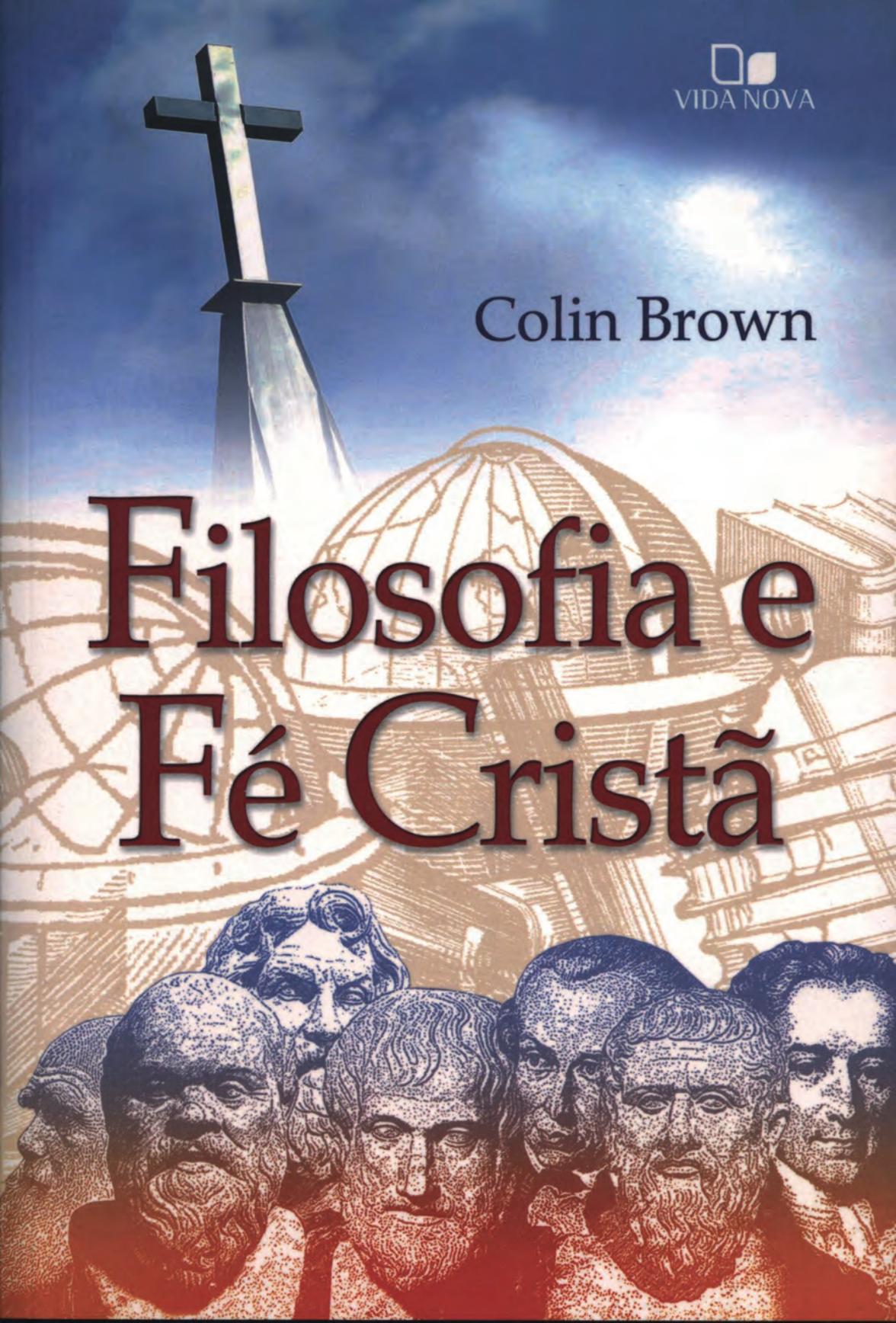




VIDA NOVA



Colin Brown

Filosofia e Fé Cristã

SUMÁRIO

Prefácio	9
Introdução	11
CAPÍTULO 1	
FILOSOFIA MEDIEVAL	17
I. AS RAÍZES DO PENSAMENTO MEDIEVAL	17
Agostinho e a igreja primitiva	17
A filosofia grega	19
II. A METAFÍSICA	21
III. ANSELMO E O ARGUMENTO ONTOLÓGICO	23
IV. TOMÁS DE AQUINO	25
As cinco vias	26
A doutrina da analogia	29
V. A RELEVÂNCIA DA FILOSOFIA MEDIEVAL	31
Duas abordagens à verdade na religião	31
A relevância histórica de Aquino	32
CAPÍTULO 2	
DA REFORMA ATÉ A ERA DO ILUMINISMO	37
I. O BERÇO DO PENSAMENTO MODERNO	37
II. OS REFORMADORES E SEUS SUCESSORES	39
Lutero	39
A Reforma fora da Alemanha	40
A filosofia e os reformadores	41
III. O RACIONALISMO	45
Descartes	46

Espinosa	49
Leibniz	50
Pascal	52
IV. O EMPIRISMO	53
Locke	54
Berkeley	56
Hume	58
V. OS DEÍSTAS INGLESES E SEUS Oponentes	63
O reavivamento da teologia natural	64
O deísmo cético	65
Respostas ao deísmo	67
VI. O ILUMINISMO E O Ceticismo NA	
EUROPA CONTINENTAL	69
Rousseau	69
Voltaire	71
Lessing	72
Kant	76
CAPÍTULO 3	
O FERMENTO DO SÉCULO XIX	95
I. SCHLEIERMACHER	96
Vida e obras	96
A abordagem de Schleiermacher	97
Comentário	100
II. HEGEL E O IDEALISMO	102
O idealismo	102
Hegel	104
O avanço do idealismo	106
III. KIERKEGAARD	108
Vida e obras	108
A verdade e o cristianismo	109
IV. O ATEÍSMO E O AGNOSTICISMO	113
Feuerbach	113
Marx e o materialismo dialético	114
Nietzsche	116
Comte e o positivismo	119
Mill e o utilitarismo	120
Peirce, James e o pragmatismo	122
Darwin e a evolução	123
V. TENDÊNCIAS NA TEOLOGIA	126
A teologia liberal	126
Reações católicas	132
A erudição conservadora	135

CAPÍTULO 4	
A FILOSOFIA E A FÉ NO SÉCULO XX	145
I. O POSITIVISMO LÓGICO E A ANÁLISE LINGÜÍSTICA	146
O positivismo lógico	146
A reação	150
A linguagem religiosa	151
II. O EXISTENCIALISMO	155
Pano de fundo e caráter	155
Bultmann	158
Tillich	162
III. O NOVO RADICALISMO	168
O ressurgimento do radicalismo	168
Bonhoeffer	170
Honest to God	174
A escola da morte de Deus	180
IV. O ESPECTRO MAIS AMPLO	183
A filosofia secular britânica: Wittgenstein, Moore e Russell	183
O humanismo	186
Três pensadores independentes: Otto, Buber e Teilhard de Chardin	189
O neotomismo	197
IV. A FILOSOFIA E A TEOLOGIA REFORMADA	198
Cornelius Van Til	199
Karl Barth	202
Francis Schaeffer	209
CAPÍTULO 5	
PÓS-ESCRITO: O CRISTÃO E A FILOSOFIA	229
I. LIÇÕES DO PASSADO	229
<i>O caráter incompleto dos sistemas filosóficos</i>	229
Os Perigos de aliar a fé cristã muito estreitamente com qualquer sistema filosófico específico	230
A teologia natural	232
A revelação e a história	235
II. O VALOR E A TAREFA DA FILOSOFIA DA RELIGIÃO CRISTÃ	
O valor da filosofia	242
A tarefa da filosofia da religião	244
Apêndice 1: Uma nota sobre livros	247
Apêndice 2: O marxismo e a fé cristã, por Richard Julius Sturz	261

PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Em 1983, Edições Vida Nova trouxe pela primeira vez às mãos do público brasileiro esta obra valiosa. Nela, o autor procura traçar um panorama do pensamento filosófico dos últimos mil anos, e mostrar como as várias correntes filosóficas influenciaram o clima do pensamento atual.

Nas páginas desta obra, o leitor vai se deparar com nomes como Tomás de Aquino, Descartes, Hume, Kant, Hegel, Kierkegaard, Nietzsche, Wittgenstein, Barth, Schaeffer, entre tantos outros. Todos foram célebres figuras da história do pensamento ocidental, de grande influência.

Ninguém em sã consciência negaria a importância de tal obra nem questionaria a decisão da Vida Nova em publicá-la nos idos da década de 1980. No entanto, pode ser que muitos se perguntem: por que trazê-la de volta, vinte e tantos anos após sua publicação? Já não estaria ultrapassada a esta altura? Enfim, o que levou o conselho editorial desta editora a tomar a decisão de trazê-la de volta ao catálogo, revisando totalmente a tradução, fazendo um novo projeto gráfico? Em outras palavras, por que investir em um livro “velho”?

A resposta é muito simples: porque se trata de uma obra primorosa, de um clássico na área da filosofia. Nossa cultura pós-moderna e consumista nos leva a desenvolver uma mentalidade equivocada que vive em busca de novidades, novos produtos, lançamentos. É evidente que há um inegável valor na produção de obras novas. Significa que estamos pesquisando, estudando, aprendendo e transmitindo esse conhecimento. No entanto, a produção cultural, dentro da qual enquadra-se a literatura, não pode ficar restrita às regras do mercado. Temos obras clássicas, de valor inestimável, que simplesmente não são superadas jamais. Não fosse assim, não haveria editoras publicando livros de Nietzsche ou de Guimarães Rosa ainda hoje, sem mencionar a própria Bíblia, exemplo máximo desse princípio.

Este livro é um desses casos: uma obra insuperável dentro do seu escopo. Portanto, com toda certeza merece ser completamente revitalizado e estar de volta em nosso catálogo, bem como em suas mãos.

Esperamos que, com a ajuda dele, o leitor possa estar preparado para defender melhor a sua fé contra as vãs filosofias que atacam o cristianismo. Lembre-se do que já dizia o apóstolo Paulo: “Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo (Cl 2.8)”.

Abril de 2007
Os Editores

INTRODUÇÃO

E sforço algum da imaginação seria capaz de fazer com que o relacionamento entre a filosofia e a fé cristã fosse descrito como um casamento ideal. Não é ideal, nem, a rigor, pode ser considerado um casamento. Muitos são os cristãos que consideram o interesse pela filosofia como um flerte dúbio e perigoso. É talvez a mesma desconfiança ocorra entre a maioria dos filósofos profissionais de hoje, que nutrem sérias dúvidas quanto à respeitabilidade intelectual desse relacionamento entre filosofia e fé. Restamos, portanto, uma ligação tênue, sustentada por alguns encontros esporádicos e dolorosos. Quando esses dois lados se encontram, o resultado parece ser, com bastante freqüência, uma série de acusações amargas da parte dos filósofos ou uma série de frágeis tentativas da parte dos cristãos, no sentido de emendar as coisas. Ainda assim, mesmo quando acontece de cristãos conseguirem convencer alguns filósofos, muitas vezes parece que o fazem ao preço de transigir com a fé.

A bem da verdade, ao longo dos tempos, pessoas bem-intencionadas, de ambos os lados, têm advertido contra qualquer tipo de união. Na igreja primitiva, houve aqueles, como Justino Mártir (*c.* 100 — *c.* de 165)¹ e Clemente de Alexandria (*c.* de 150 — *c.* de 215),² que asseguravam a seus leitores que muitos pagãos tinham sido levados à religião verdadeira através da filosofia, e que a filosofia era para os gregos aquilo que o Antigo Testamento era para os judeus. Tais sugestões, no entanto, foram postas de lado por escritores como Tertuliano (*c.* de 160 — *c.* de 220),³ que rejeitaram tais argumentos, afirmando que a filosofia freqüentemente era a raiz da heresia, e que a sabedoria secular, sem o auxílio da fé, jamais poderia trazer o homem a um conhecimento de Cristo.

À primeira vista, talvez pareça que Tertuliano tivesse o Novo Testamento do seu lado. O apóstolo Paulo advertiu seus leitores colossenses: “Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme

a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo.”⁴ À igreja em Corinto declarou que “visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação”.⁵ Cristo é não somente nossa justiça, santificação e redenção, mas também nossa sabedoria.⁶ Se consultarmos o Antigo Testamento, não conseguiremos encontrar a palavra filosofia segundo a acepção normal do termo. O mesmo se dá com o ensino de Jesus.

Além disto, seria fácil multiplicar exemplos de crítica feitas por filósofos. Veremos exemplos suficientes deste tipo ao longo do livro. A partir disso, poderíamos ser tentados a tirar a conclusão de que a história da filosofia da religião é a história de um padrão que serepete, um padrão de protestos, acusações e contra-acusações. Embora detalhes dos argumentos variem, o padrão geral continua praticamente o mesmo. Assim sendo, se houver qualquer conclusão que possamos tirar, seria de que este tipo de discussão não leva a lugar algum.

Procurar safar-se do debate, no entanto, não é tão fácil assim. Nem o cristão nem o filósofo ateu pode agir assim sem que atraia sobre si a acusação do obscurantismo intelectual. A filosofia é uma disciplina intelectual que se ocupa com a natureza da realidade e a investigação dos princípios gerais do conhecimento e da existência. Embora o apóstolo Paulo rejeite filosofias estranhas, devemos reconhecer que a fé cristã inevitavelmente levanta perguntas de caráter filosófico que sondam as próprias bases de suas alegações. Por que cremos em Deus? Como saber? Qual é a natureza e a lógica das declarações religiosas? Como é o cristianismo em comparação com outras crenças e teorias acerca do mundo? Se a filosofia, por sua vez, se preocupa com a realidade e a verdade, também não pode virar as costas às questões religiosas. Ninguém que busque genuinamente a verdade será desmotivado pelo barulho e a fúria da oposição. A longo prazo, o que conta não é o tamanho do barulho feito pelos diferentes lados, mas sim se as idéias e os argumentos apresentados correspondem à realidade.

O alvo deste livro é fazer um levantamento dos principais pensadores e movimentos intelectuais do pensamento ocidental, nestes últimos mil anos, tendo em vista uma demonstração de como afetam a crença cristã. Foi escrito do ponto de vista de alguém que é profundamente comprometido com a fé cristã, embora não tenha sido a minha intenção, em primeira instância, participar da polêmica e da apologética. Não procurei construir uma arma que abatesse com um só tiro toda oposição à fé cristã. As armas são instrumentos reconhecidamente ineficazes, sobretudo quando o alvo requer uma pontaria perfeita. Em vez disso, procurei fazer, para estudantes e leitores em geral, uma análise dos principais fatores que têm dado origem ao atual clima intelectual. É inevitável que um empreendimento como este tenha um certo sabor de *Quem é Quem*. Isto é intencional. Diferentemente desta última obra, no entanto, não me privei de comentar as fortalezas e fraquezas, segundo o meu modo de ver, de cada pessoa ou movimento em questão.

Embora existam numerosas histórias da filosofia secular, estudos pormenorizados de uma ou outra personalidade ou movimento, e algumas introduções valiosas aos problemas da teologia filosófica, há uma grave carência de livros que procuram oferecer uma visão geral da história da filosofia até o presente e do seu relacionamento com o cristianismo. E mesmo aqueles que abrangem parte deste campo parecem estranhamente alheios à Reforma e à teologia bíblica, bem como à relevância de ambas para a filosofia da religião. Esta obra é uma tentativa de preencher esta lacuna.

As dificuldades de semelhante empreendimento são por demais evidentes. É preciso evitar ser demasiadamente técnico, pois o leitor comum acaba de se aventurar nessa matéria. No entanto, é preciso ser suficientemente detalhado para que seja útil ao estudante que está enfrentando dificuldades genuínas e que procura orientação. Todas as disciplinas acadêmicas têm seu próprio jargão, e a filosofia é pior do que muitas nesse aspecto. Além disto, num panorama geral como este, o tratamento deve ser altamente seletivo e breve. Para que o leitor comum possa acompanhar o conteúdo, a obra inevitavelmente tem de seguir o típico padrão mais abrangente e pouco detalhado.

Mesmo assim, para a maioria de nós, semelhante padrão não deixa de ter um certo valor. Quer gostemos, quer não, não podemos deixar de formar algumas impressões globais, e alguma informação e orientação é melhor do que nenhuma. Nem todas as pessoas têm acesso a vastas bibliotecas, tempo livre para ir lendo aos poucos tudo que foi publicado sobre a história da filosofia ocidental, nem sequer, logo de início, conhecimento técnico para decidir o que está procurando e para saber onde encontrá-lo. Muitas pessoas já ouviram falar de nomes tais como Kant, Hume, Aquino, Kierkegaard, e constantemente se deparam com termos como empirismo, racionalismo, existencialismo e positivismo lógico, e querem saber o que significam e como afetam o cristianismo. É para essas pessoas que este livro foi escrito. Espero que lhes sirva de ponte — que lhes dê acesso a uma área de trabalho que de outra forma talvez lhes fosse inacessível. Uma vez tendo chegado até ali, e estando capacitadas para trabalhar por conta própria, podem dispensar esse auxílio.

Procurei fazer uma seleção daqueles pensadores e movimentos que *ou* têm tido algo de importante para dizer *ou*, bem ou mal, têm exercido uma certa influência que ainda hoje se sente. (Há casos em que as duas hipóteses coincidem, em outros, não). Em cada caso, meu relato baseou-se em minha própria leitura e pesquisa. Este fato muitas vezes me obrigou a deixar as trilhas já traçadas dos manuais mais antigos, incluindo certas matérias que às vezes são negligenciadas, e oferecendo interpretações que diferem daquelas mais conhecidas. Para ajudar o leitor comum que deseja encontrar um guia de orientação, e o estudante que talvez se ocupe somente com certas seções deste relato, não hesitei em atribuir rótulos a todas as seções e subseções principais da obra.

Quanto ao uso que fiz de algumas fontes, o seguinte planejamento me pareceu o melhor. Sempre que possível, o leitor é encaminhado a fontes primárias do autor citado. Nem sempre as fontes indicadas são as melhores edições ou traduções críticas. Pareceu-me mais importante indicar ao leitor a edição mais fácil de obter e ler, de modo que pudesse seguir o pensamento por si mesmo, ao invés de lhe recomendar uma obra que talvez só conseguisse encontrar nos porões de alguma biblioteca universitária. De modo geral, referências cruzadas a discussões eruditas foram reduzidas ao mínimo possível. Como todo autor, tenho uma dívida enorme para com estas fontes. Agi assim, porém, para não tornar mais difícil uma matéria que já apresenta dificuldades suficientes para quem não é especialista na área. Mesmo assim, procurei remediar esta deficiência na seção *Uma Breve Nota Sobre Alguns Livros*, acrescentada ao final deste livro.

Os manuais de história da filosofia não são normalmente projetados para serem lidos do começo ao fim. Portanto, este livro não tem necessariamente a finalidade de ser lido em seqüência. O foco da atenção concentra-se em quatro períodos principais. Uma olhada nas páginas do índice informará o leitor sobre o que foi incluído em cada período. A ênfase maior recai nas diferentes interpretações da filosofia e da fé cristã desde a Reforma até o presente. O capítulo 1, no entanto, contém um breve esboço da filosofia medieval. Este esboço foi deliberadamente limitado a um arcabouço mínimo, por razões de espaço e porque a maioria dos leitores naturalmente tem mais interesse no pensamento mais recente. Foi incluído, não obstante, em parte porque a filosofia medieval é importante por si só, e também por estabelecer um padrão para grande parte do pensamento posterior. Outro motivo relevante é o fato de que o pensamento medieval ainda tem valor nos dias de hoje. Quer queiramos, quer não, cada geração é afetada por aquilo que ocorreu no passado. Uma das coisas mais interessantes no estudo da história da filosofia é descobrir a quantidade de idéias com ares de modernas que já foram testadas (e respondidas) há muitas gerações.

Resta-me agradecer aos muitos amigos que fizeram comentários sobre este manuscrito e que despenderam seu precioso tempo na discussão de vários tópicos, especialmente os editores e a diretoria da Tyndale Press, e meu colega em Tyndale Hall, o Rev. A.C. Thiselton. Gostaria de agradecer ao editor do *Church of England Newspaper* pela permissão de fazer uso da matéria que originalmente escrevi numa crítica literária da obra *Objections to Humanism*, publicada pela primeira vez nas suas colunas. Agradeço também ao editor do *Theological Student's Fellowship Bulletin* pela permissão de fazer uso de matéria que foi publicada ali pela primeira vez, acerca de Paul Tillich e as tendências da teologia do século XIX. Alguns dos tópicos levantados ao discutir Karl Barth também aparecem no meu estudo mais pormenorizado *Karl Barth and the Christian Message*.

NOTAS

1. *Apology*, 5, 46.
2. *Stromateis*, I. 5, 20.
3. *On the Proscription of Heretics*, VII
4. Colossenses 2.8
5. 1Coríntios 1.21
6. 1Coríntios 1.30

A FILOSOFIA MEDIEVAL

A filosofia não começou na Idade Média, mas a Idade Média é um bom ponto por onde começar um relato da filosofia e da fé cristã. Por uma boa razão: tanto uma como a outra começaram, nesse período, a se levar a sério como nunca antes! Nos primeiros séculos da igreja, os intelectuais ora flertavam com a filosofia, ora a criticavam.¹ Na Idade Média, dificilmente havia qualquer pensador importante que não levasse a sério a filosofia. Para o bem ou para o mal (e, por diversas vezes, muito mais para o mal) as idéias filosóficas entraram na corrente sanguínea da teologia medieval e esta, por sua vez, afetou a vida e o pensamento do cristianismo em eras posteriores.

Não é exagero dizer que um intelectual como Tomás de Aquino tem mais influência atualmente, através dos seus escritos e do seu impacto sobre o catolicismo em geral, do que teve durante a sua vida. A diferença entre a teologia reformada e a teologia católica deve-se, em grande parte, à atitude diferente que cada uma adota diante da filosofia.²

Muitas das perguntas formuladas e respondidas pelos pensadores medievais haveriam de determinar o curso do pensamento europeu durante os séculos vindouros. Algumas delas ainda hoje nos acompanham: Deus existe? Como sabemos? Quais provas temos? Neste capítulo, veremos algumas das várias respostas que foram dadas a estas perguntas, durante a Idade Média. Mas, em primeiro lugar, procuraremos obter uma visão geral do período como um todo e examinaremos algumas das personalidades que mais se destacaram.

I. AS RAÍZES DO PENSAMENTO MEDIEVAL

AGOSTINHO E A IGREJA PRIMITIVA

Segundo algumas estimativas, a Idade Média começou por volta do século x d.C. Em sentido mais amplo, no entanto, a Idade Média abrange um período de

mil anos, desde o século v até o século xv. Tem suas raízes na igreja primitiva e se estende até a era do Renascimento e da Reforma.

Na igreja primitiva, havia uma espécie de relacionamento de amor e ódio com a filosofia secular. O pai da igreja, Justino Mártir (morto *c.* de 165), que falava grego, tinha sido um estudioso da filosofia por muito tempo antes de se tornar cristão. Mesmo então, continuou usando o pálio, o manto do filósofo, proclamando que a fé cristã era “a única filosofia fidedigna e proveitosa”.³ Argumentou que o *logos* (palavra ou razão) divino já iluminara pensadores, tais como Sócrates, a enxergarem os erros do paganismo.⁴ A conclusão lógica de semelhante iluminação tinha sido o cristianismo. O escritor latino Tertuliano (*c.* de 160-*c.* de 220), por outro lado, apontou a filosofia como raiz de toda heresia,⁵ e insistia que a sabedoria deste mundo era vã. Os pais alexandrinos Clemente (*c.* de 150-*c.* de 215)⁶ e Orígenes (*c.* 185-254) foram além de Justino em sua reverência para com a filosofia clássica. Orígenes empregava idéias platônicas para reinterpretar toda a gama do ensino cristão sobre Deus, Cristo e a salvação.⁷

Enquanto estes debates estavam sendo levados a efeito num nível mais ou menos intelectual, verdadeiras batalhas estavam sendo travadas no nível mais popular, primeiramente com o gnosticismo e depois com o maniqueísmo. Dizia-se que o gnosticismo foi fruto de uma aguda helenização do cristianismo, i.e., que era uma forma de cristianismo pervertido por excêntricas idéias da filosofia grega.⁸ A erudição mais recente, no entanto, está inclinada a ver nele uma miscelânea de idéias religiosas, geralmente extraídas do judaísmo, das idéias do Oriente Próximo, da filosofia popular e do cristianismo.⁹ Era o equivalente, na igreja primitiva, às seitas tais como as Testemunhas de Jeová e a Teosofia. O gnosticismo começou a ser ultrapassado pelo maniqueísmo no século iii. Fundado por Mani (*c.* de 215-275), seus ensinamentos baseavam-se num suposto combate primitivo entre a luz e as trevas. As curas que tais seitas ofereciam, para os males do mundo e a salvação da alma, dependiam principalmente de que a alma se libertasse da sua prisão, que é o corpo. Tudo quanto fosse material era mau; somente o espiritual era bom. A solução deveria ser encontrada numa variedade de soluções, que ia desde a posse de senhas e conhecimento secretos até o ascetismo e o vegetarianismo.

O pensador que mais se destacou deste período inicial foi Agostinho (354-430), o piedoso bispo de Hipona, na África do Norte. Agostinho não fora sempre um cristão. Nos anos anteriores, cometera mais pecados do que a maioria dos homens. Além disto, tinha sido diletante em mais filosofias do que a maioria. Porém, não foi a filosofia que lhe trouxe a paz com Deus, nem tampouco deu um significado à sua vida, mas sim seu encontro com Cristo.¹⁰ Sua conversão — que ele mesmo narra em suas *Confissões*, obra autobiográfica, um dos maiores clássicos espirituais de todos os tempos — não somente transformou sua vida, como também deu novo vigor ao seu pensamento.

Até que ponto o pensamento posterior de Agostinho foi colorido pelas idéias filosóficas do seu tempo ainda é questão debatida entre os estudiosos. Mas foi a palavra de Deus nas Escrituras a principal influência sobre ele. A partir da sua conversão, Agostinho dedicou-se a aplicar as Escrituras às questões correntes do cotidiano.¹¹

Com os maniqueus (aos quais antes pertencera), Agostinho debatia o problema do mal. Contra o conceito deles de que havia um princípio maligno eterno, que se opunha a Deus, Agostinho argumentava que Deus era o único criador e sustentador de todas as coisas. O mal era uma privação do bem. No caso do homem, o mal surgiu do abuso da liberdade que Deus lhe dera. Com os pelagianos (que argumentavam que o homem podia e devia fazer as pazes com Deus pela prática do bem), Agostinho debatia a questão do livre arbítrio. A experiência e a revelação cristã demonstravam que o homem já estava por demais perdido no pecado para poder ajudar a si mesmo. Somente Deus poderia deixar o homem de bem consigo mesmo, e libertá-lo das conseqüências dos seus próprios pecados. Contra os pagãos, que culpavam a influência “corruptora e debilitadora” do cristianismo pela queda de Roma perante as hordas invasoras do norte, Agostinho escreveu *A Cidade de Deus*. Foi a primeira tentativa de fazer uma filosofia cristã da história. Nessa obra, Agostinho procurou analisar as tendências que atuavam nas atividades humanas. Via o reino de Deus como o alvo de toda a história.

Freqüentemente se afirma que tanto o catolicismo quanto o protestantismo tiveram sua origem em Agostinho. O primeiro obtém de Agostinho (mas não exclusivamente dele) seu alto conceito da igreja e dos sacramentos. O segundo segue Agostinho em sua visão da soberania de Deus, da perdição do homem no pecado e da graça de Deus, como o único meio para trazer a salvação ao homem. Assim como ocorre a todas as generalizações, esta declaração acerca de Agostinho simplifica-o por demais. Há, certamente, católicos hoje que compartilham do ponto de vista de Agostinho acerca da salvação, assim como há protestantes que não compartilham dele. Seja como for, porém, foi de Agostinho, mais do que de qualquer outro teólogo, que o pensamento medieval recebeu seu arcabouço teológico de idéias. Mesmo que pensadores posteriores tenham alterado certos detalhes da pintura dentro desse quadro, o arcabouço pelo qual começaram foi a teologia da igreja primitiva em geral, e a de Agostinho em particular.

A FILOSOFIA GREGA

Uma raiz do pensamento medieval que se estendia ainda mais longe no passado foi a filosofia grega. Quase quatro séculos antes de Cristo, Platão (427-347 a.C.), o filósofo ateniense, tinha ensinado que o mundo que vemos diante dos olhos e tocamos com os dedos era, na realidade, apenas um mundo de sombras. Era uma reprodução do mundo eterno de formas espirituais, que a alma pura poderia alcançar através da contemplação filosófica.¹²

Os pensadores gregos que o seguiram poderiam atacar, modificar ou popularizar o ensino de Platão, mas sua influência continuou quase que intacta, no decorrer dos séculos. Filo (c. de 20 a.C.-c. de 50 d.C.), o pensador judeu de Alexandria, adaptou este ensino ao judaísmo. O platonismo permeava também o ensino dos teólogos cristãos de Alexandria, Clemente (c. de 150-c. de 215) e Orígenes (c. de 185-254).

No século III d.C., Plotino (c. de 205-269) desenvolveu o que veio a ser conhecido como neoplatonismo. Era uma crença no ser último, subjacente a toda a experiência. Neste ser, é vencida toda a distinção entre pensamento e realidade. O ser último é conhecido por um método de abstração, que consistia em se dizer aquilo com que *não* guardasse semelhança. Mediante esta via de negação são removidos todos os não-essenciais. O ser último é conhecido através de uma experiência mística profunda e interior.

Além das várias formas do platonismo, o pensamento medieval foi também profundamente influenciado por Aristóteles (384-322 a.C.), sendo que muitas de suas obras foram traduzidas para o latim, no século XII. Platão acreditava num mundo de idéias ou formas espirituais relacionadas entre si, sobre as quais havia a forma do bem. Este era o mundo real. Aristóteles acreditava, por contraste, que as idéias existiam somente à medida em que eram expressadas em objetos individuais. Além disso, ele se interessava pelos diferentes tipos de *causas* que produziam as coisas.¹³ Para o mundo como um todo, Aristóteles acreditava que havia uma *prima causa* que é a causa não causada de todas as coisas.¹⁴ Aristóteles também tinha profundo interesse pela ética e pela lógica, e seus escritos sobre os dois assuntos influenciaram profundamente a posteridade.

O platonismo infiltrou-se na igreja medieval mediante sua influência sobre teólogos individuais e através de neoplatonistas tais como o pseudo-Dionísio.¹⁵ O corpo principal dos escritos de Aristóteles em geral não se tornou disponível aos estudiosos até fins do século XII. Nesse ínterim, porém, algumas das idéias de Aristóteles foram absorvidas e transmitidas pelo estadista e filósofo Boécio (c. de 480-c. de 524), no século VI. No auge do seu poder, Boécio foi acusado de traição e executado. Enquanto estava na prisão, escreveu sua obra mais famosa, *Do Consolo da Filosofia*, onde descreve como a alma pode se elevar, acima das adversidades, e alcançar uma visão de Deus através da contemplação filosófica. Em séculos posteriores, veio a se tornar um manual clássico da filosofia. Talvez mais relevantes, no entanto, tenham sido seus planos (apenas parcialmente cumpridos) de traduzir para o latim as obras de Platão e Aristóteles, seus comentários filosóficos e obras originais sobre lógica. Estas obras não somente ajudaram a preservar a cultura da antigüidade clássica; também ajudaram a estruturar o vocabulário e os questionamentos filosóficos para a futura Idade Média.

Um dos fatos menos importantes da história, ainda conservado vivo pelos historiadores e os curiosos, é o fato de que a obra *Do Consolo da Filosofia* foi traduzida para o idioma anglo-saxão pelo rei Alfredo. Isto, pelo menos,

demonstra que a Idade Média não foi um período de completo obscurantismo, como às vezes popularmente se imagina. Mesmo assim, permanece o fato de que o colapso do antigo império romano foi acompanhado por um declínio da atividade intelectual. Quando esta última ressurgiu, no século XI, seguiu os caminhos traçados por homens como Agostinho e Boécio. Seu alvo era a busca da verdade última. Os mapas que empregava ao longo do caminho eram fusões daqueles que já tinham sido traçados no passado, pelos teólogos da igreja e pelos filósofos do mundo antigo.

II. A METAFÍSICA

As generalizações são notoriamente enganadoras. Mas se uma delas puder ser admitida a esta altura, seria a que afirma que o pensamento da Idade Média posterior caracterizava-se pelo interesse pela metafísica em vez da pela física. De modo geral, as grandes mentes da Idade Média não se interessavam pelo universo físico em si mesmo: estavam mais interessadas na realidade que, segundo acreditavam, era subjacente a ele. Não se preocupavam demasiadamente com as questões científicas a respeito dos fenômenos naturais. O que atraía seu interesse era o relacionamento entre o natural e o sobrenatural.

Este fato revelava-se de muitas maneiras. Uma delas era o interesse escolástico pelas questões teológicas que apresentassem um matiz filosófico. O escolasticismo — o termo emprega-se com referência àquelas escolas do pensamento medieval que se preocupavam com a definição e sistematização do modo cristão de entender a realidade — preocupava-se, acima de tudo, com o relacionamento entre Deus e o mundo. Escolásticos distintos tinham abordagens distintas. Não havia um sistema único, que gozasse de aceitação geral. No entanto, quer olhemos para Anselmo, quer para Aquino (o que faremos, dentro em breve), veremos que ambos compartilham do mesmo interesse em fazer perguntas de caráter último e em relacionar a crença cristã com o pensamento racional.

Outro modo de o interesse medieval pela metafísica revelar-se foi nos debates intermináveis acerca da natureza das coisas e o modo como se relacionavam umas com as outras. Quando falamos acerca da *bondade*, ou até mesmo talvez acerca da cor *branca*, há de fato algo como a *bondade* ou a *brancura* (um *universal*, no jargão técnico) que existe além de coisas particulares, independente delas? Ou a *bondade* e a *brancura* existem somente em objetos específicos? Se for este o caso, quer dizer que, quando empregamos tais termos, eles não passam de um modo de falar? Talvez isso até mesmo queira dizer que boa parte da nossa linguagem cotidiana seja meramente uma questão de conveniência, e que, na realidade, não existem de fato entes reais que correspondam a muitas das nossas palavras, que nos parecem tão sólidas, respeitáveis e significativas?

Os pensadores medievais diferiam muito entre si quanto às respostas que davam. Os *realistas*¹⁶ seguiam a Platão e sustentavam que os *universais*

Filosofia e Fé Cristã

Neste livro, Colin Brown consegue, com sucesso, alcançar algo praticamente impossível: discutir o pensamento de cerca de 450 filósofos, trazendo-nos um rico panorama dos últimos mil anos da história do pensamento humano.

Porém, o autor não apenas nos apresenta ao pensamento de vários intelectuais, mas também mostra, com admirável precisão, como tudo isso afeta a fé cristã.

Segundo ele mesmo afirma:

"O alvo deste livro é fazer um levantamento dos principais pensadores e movimentos intelectuais do pensamento ocidental, nestes últimos mil anos, tendo em vista uma demonstração de como afetam a crença cristã. Foi escrito do ponto de vista de alguém que é profundamente comprometido com a fé cristã, embora não tenha sido a minha intenção, em primeira instância, participar da polêmica e da apologética. Não procurei construir uma arma que abatesse com um só tiro toda oposição à fé cristã. As armas são instrumentos reconhecidamente ineficazes, sobretudo quando o alvo requer uma pontaria perfeita. Em vez disso, procurei fazer, para estudantes e leitores em geral, uma análise dos principais fatores que têm dado origem ao atual clima intelectual."

Nos dias de hoje, em que o cristianismo tem sido alvo de constantes ataques, por parte de sistemas filosóficos que desconhecem seu verdadeiro conteúdo, este livro será uma ferramenta utilíssima nas mãos dos pastores, estudantes e demais cristãos que estejam envolvidos na evangelização e defesa da fé cristã.